



Clássicos Infantojuvenis

Fábulas

Curvo Semedo

Agrupamento de Escolas de Rio de Mouro



Título: Fábulas

Autor: Curvo Semedo

Edição: Agrupamento de Escolas de Rio de Mouro

Coleção: Clássicos Infantojuvenis

Seleção, paginação e projeto gráfico: Carlos Pinheiro

1.ª edição: outubro de 2013

ISBN: 978-989-8671-07-3

ideiascommérito
Rede de Bibliotecas Escolares

Edição segundo as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Índice

[A Águia, a Porca e a Gata](#)
[A Águia e o Escaravelho](#)
[A Ave Ferida de Uma Flecha](#)
[A Cotovia e os Seus Filhos](#)
[A Doninha na Despensa](#)
[A Formiga e a Cigarra](#)
[A Galinha Que Punha os Ovos de Ouro](#)
[A Gralha entre os Pavões](#)
[A Lebre e a Tartaruga](#)
[A Lebre e as Rãs](#)
[A Mulher Teimosa Afogada](#)
[A Perdiz e a Lebre](#)
[A Pomba e a Formiga](#)
[A Rã e o Boi](#)
[A Raposa, a Cabra e a Filha](#)
[A Raposa e a Cegonha](#)
[A Raposa e o Lobo](#)
[A Raposa, o Macaco e Outros Animais](#)
[A Serpente e a Lima](#)
[A Tainha e o Pescador](#)
[A Vista de Quem É Dono](#)
[As Duas Panelas](#)
[Aviso de Sócrates](#)
[O Burro e o Dogue](#)
[O Burro e os Donos](#)
[O Burro Vestido com Pele de Leão](#)
[O Cão Vendo a Sua Imagem na Água](#)
[O Carreteiro Atolado](#)
[O Cavalo e o Burro](#)
[O Cavalo e o Lobo](#)
[O Homem e a Gata](#)
[O Homem e a Serpente](#)
[O Homem e o Ídolo de Pau](#)
[O Homem, o Cão e a Galinha](#)
[O Lavrador e Seus Filhos](#)
[O Leão e o Mosquito](#)
[O Lenhador](#)
[O Leão Doente](#)

[O Lobo, a Mulher e o Filho](#)
[O Lobo e a Cegonha](#)
[O Lobo e o Cordeiro](#)
[O Lobo Feito Pastor](#)
[O Macho e o Burrinho](#)
[O Passarinho, o Milhano e a Cotovia](#)
[O Raposo e o Galo](#)
[O Raposo e o Bode](#)
[O Rato e a Rã](#)
[O Velho e os Seus Filhos](#)
[O Velho, o Rapaz e o Burro](#)
[O Ratinho e a Mãe](#)
[O Veado e os Cães](#)
[Os Dois Burros Carregados](#)
[Os Dois Machos](#)
[Os Dois Touros e a Rã](#)
[Os Médicos](#)
[Os Rafeiros e o Gozo](#)

A Águia, a Porca e a Gata

Veloz águia num sobreiro
Tenros filhos aninhava;
E em baixo no chão também
Uma porca os seus criava.
Em meio de ambas no tronco,
Onde funda toca havia,
Com seus filhos igualmente
Esperta gata vivia.
Gozavam as tres famílias
Ali da união mais grata:
Mas turvou esta harmonia,
Com mexericos a gata.
Onde a águia vivia entrou
Dizendo: — Senhora minha,
Venho contar-lhe a insolencia
Da porca nossa vizinha.
Junto ao pé deste sobreiro
De dia e noite a fossar,
Vai-lhe roendo as raízes
Até por terra o lançar;

Então nossos tenros filhos,
E nós mesmas, sem piedade,
Diz que seremos objeto
Da sua voracidade.
Vós estais melhor do que eu,
Qu'em vendo o tronco abalar,
Podeis nas garras, voando,
Os vossos filhos salvar.
Mas eu, triste... Ah!, desgraçada!
Nisto, com mil caramunhas,
Despediu-se e foi descendo
Segurando-se nas unhas.
Entra no covil da porca
E diz-lhe em voz de mansinha:
— Mal sabe, amiga, o que vai
Com esta nossa vizinha!
Mas antes qu'eu diga tudo,
Jure guardar-me segredo,
Qu'eu daquela atraçoada
Vivo tremendo com medo!
Diz que em vendo que voce
A tratar da vida sai,
Logo dentro do covil
A matar-lhe os filhos vai.

Quando a porca tal ouviu,
Ficou pior do que as fúrias,
E contra a inocencia d'águia
Vociferou mil injúrias.
Tendo entre as duas famílias
A gata o horror semeado,
Sobe, mete-se na toca,
Esperando o resultado.
A veloz águia os filhinhos
Cobre, e jura não deixá-los,
Para que tombando o tronco
Possa do insulto salvá-los;
Nem qu'estalasse de fome
Por temor nunca saía
E no seu covil fechada
A porca o mesmo fazia.
Sendo o estearmos a vida
Sempre o primeiro dever,
Deixaram-se ambas de fome
Com seus filhinhos morrer;
Teve a gata com seus filhos
Uma grande fartadela,
Até que um lobo chegando
Jantar fez deles e dela.

D'insanos mexeriqueiros
Quem tem casa tenha medo;
Que as desgraças das famílias
Vem a fazer tarde ou cedo.
Com pés de lã se introduzem,
Trazem, levam, contam, mentem,
E os qu'as intrigas dão peso,
No fim de tudo é que o sentem.

A Águia e o Escaravelho

De veloz águia fugindo
Novo pequeno coelho,
Encontra na fuga a toca
Dum graúdo escaravelho.
Posto que ténue este abrigo
Buscando salvar a pele,
Julgar-se pode se o triste
Faria por entrar nele.
Comovido o escaravelho
Do mal daquele infeliz,
A feroz águia intercede,
E cortesmente lhe diz:
— Ave real, neste pobre
Meu compadre e meu vizinho
Tuas garras não empregues,
Tem dó dele, coitadinho!
Sei que para ti não obsta
O asilo da minha casa.
Ela nisto um safanão
Lhe dá com o coto d'asa.

A vítima infausta empolga
Do abrigo tendo zombado,
Deixando o bom protetor
De frio susto embaçado;
No qual esta horrível cena
Faz tão rápida mudança,
Que toda a sua piedade
Se torna logo em vingança.
Vai ao tronco onde o seu ninho
Tinha a cruel águia feito,
Quebra-lhe os ovos e vem
Inda pouco satisfeito.
Ela vendo o fero estrago
Da sua prole querida,
Com gritos atoa os ares,
Tenta contra a própria vida.
Tomar severa vingança
Em vão do insulto pretende,
Que a pequenez do agressor
Da sua raiva o defende.
No ano seguinte mais alto
Vem seu ninho edificar,
Mas lá mesmo o vingativo
Lhe vai os ovos quebrar.

Assim do coelho a morte
Segunda vez é vingada,
E a sua atroz matadora
Sente aflição duplicada.
Seis meses em vãos grasnidos
Atroa montes e vales:
Faz este enojo segundo,
Que se exacerbem seus males;
Proteção pedindo a Jove
Seu templo excelso procura,
E do númen no regaço
Guarda a terceira postura.
Aquele asilo sagrado
Põe toda a sua esperança,
Que tem no abrigo do nume
Do seu ninho a segurança.
Mas de tom muda o contrário,
Que os passos todos lhe espreita,
Põe-se d'alto, e imunda escória
Sobre o manto ao númen deita;
O sacerdote do templo
Indo-lhe logo limpar,
Os ovos do oculto ninho
Deixa cair e quebrar.

Quando a feroz águia observa
Aquela nova desgraça,
Faz desatinos de louca,
E ao mesmo Jove ameaça.
Qu'há de abandonar-lhe a corte
E ir viver para os desertos,
Diz ao monarca dos numes
Com outros mil desacertos.
Jove em honra a sua estátua
Manda, por ordem real,
Comparecer o agressor
Perante o seu tribunal.
Ele vem, expõe-lhe o facto,
Conta a sorte do coelho,
D'águia o Deus repreende a insania
E a teima do escaravelho.
E fazendo esforços vãos,
Sem que os possa acordes ver,
Assim decreta, do fado
Tendo ouvido o parecer:
— De amor, ó águia, somente
Sentirás o impulso terno
Quando o escaravelho obtuso
Esteja em quartéis d'inverno.

Assim foi, e assim se cumpre,
Deixando ver ao mortal
Que as vezes do mais pequeno
Pode vir o maior mal.

A Ave Ferida de Uma Flecha

Foi de uma flecha emplumada
Uma das aves ferida,
E assim ao seu matador
Falou no extremo da vida:
— Contribuir deveremos
Para a nossa ímpia desgraça
Dando penas que aligeirem
A seta que nos traspassa?
Das nossas asas as plumas
Arrancais, progénie atroz,
Mas, ó prole de Jafet,
Da nossa cruel desgraça
Não zombeis, não façais mofa,
Que o mesmo entre vós se passa.
A mesma infelicidade,
Metade da gente as armas
Dá contra a outra metade.

A Cotovia e os Seus Filhos

Uma idosa cotovia,
Na meiga flórea estação,
Foi mais tardia qu'as outras
Na sua propagação.
Entre uma pingue seara,
Qu'estava quase madura,
Tinha arranjado o seu ninho
E feito a sua postura.
Já pelos ares se viam
De novas aves cardumes,
E inda os filhos da ronceira
Estavam todos implumes.
Já seca a seara estava,
E o dono da sementeira,
Vindo ve-la com seus filhos
Lhes falou desta maneira:
— Amanhã começaremos
A ceifar os nossos trigos;
Convidai para ajudar-nos
Todos os nossos amigos.

Foram-se; e pode julgar-se
Que susto não sofreriam
Os passarinhos infaustos,
Qu'inda voar não podiam.
Quando a mãe veio de fora,
Disseram-lhe entre alaridos:
— Não sabe, ó mãe, o que vai,
não sabe, estamos perdidos!
Foi o dono destes pães
Seus amigos convidar,
Para amanhã muito cedo
A ceifa principiar.
— Os seus amigos! — disse ela —,
A vossa agonia é vã,
Sossegai, dormi tranquilos;
Que se não ceifa amanhã.
Assim foi; que no outro dia
Os amigos não chegaram,
Que dando ao velho desculpas
Cortesmente se escusaram.
Voltou no dia seguinte
O dono, e tornou a dizer:
— Nossos amigos faltaram,
E os trigos vão-se perder.

Para amanhã começarmos,
Ide, ó filhos, diligentes,
Dizer que venham com foices
Todos os nossos parentes.
Novos sustos, novas ansias,
Os passarinhos tiveram,
E apenas a mãe chegou
Logo tudo lhe disseram:
— Ele convida os parentes!
Disse a esperta cotovia,
— Pois sabeis qu'inda amanhã
A ceifa não principia.
Passou-se a manhã, e a tarde,
E nenhum apareceu,
Respondendo que deviam
Primeiro ceifar o seu.
Então, no outro dia, o dono
Disse: — Em nós só confiemos,
Eu, e vós, e os nossos moços,
Amanhã começaremos;
Ide, ó filhos, comprar foices
Hoje mesmo no mercado,
Qu'espero qu'em breve tempo
Vejam tudo ceifado.

Quando a cotovia esperta
Viu esta resolução,
Disse: — Ó filhos, logo, e logo,
Deixai esta habitação.
Prontamente os filhos todos
Cuadas e voltas dando,
Atrás da mãe aos saltinhos
Se foram logo safando.

Em menos de tres semanas,
Até sem muita canseira,
Estava já debulhado
O trigo dentro da eira.
O velho então conheceu,
Vencendo a sua demanda,
A força deste ditado:
— Quem quer vai, quem não quer manda.

A Doninha na Despensa

Esguia, e longa de corpo,
Entrou Madame Doninha
Por um estreito buraco
Que certa despensa tinha.
Ali foi gente a esfaimada;
Sobre o toucinho saltou,
Roeu paios e presuntos,
E em tudo a sopa molhou.
Passados nove ou dez dias,
Já nédia, gorda e pesada,
Vindo um criado a despensa
Por um triz não foi pilhada.
Vendo o seu risco iminente,
Quis então salvar a pele,
Foi-se ao buraco da entrada,
Porém não coube por ele.
Não ser o mesmo supondo
Por onde ali tinha entrado,
Deu mil voltas, não viu outro,
E creu o caldo entornado.

— Neste buraco — então clama —,
Há dez dias, sem mentir,
Que para entrar coube, e agora
Não caibo para sair.
Ou eu perdi todo o tino,
Ou o buraco estreitou.
Mas nisto um rato já velho
Desta sorte lhe falou:
— Magra e faminta vieste,
Gorda e farta agora estás,
Torna a ser magra e faminta,
Logo sair poderás.
Se alguém contigo aqui der,
Faz-te os ossos em açorda;
Reflete se mais te agrada
Viver magra ou morrer gorda?
A doninha não fez caso,
E a mesma vida seguiu
Até que deram com ela,
E dura morte sentiu.
A vários sucede o mesmo
Em qualquer ocupação;
Que o muito qu'engordar querem
Faz a sua perdição!

A Formiga e a Cigarra

Tendo a cigarra cantado
Todo o verão sem governo,
Em nada tinha cuidado,
E era o princípio do inverno.
Achava-se desprovida
Do sustento para a vida;
Triste futuro augurava
Na colisão em que estava;
Lembrou-lhe certa vizinha
Dona Formiga de tal,
Q'um farto celeiro tinha,
Posto que era voz geral
Ser mui pouco liberal.
Foi a sua casa então
E estendeu-lhe este panal:
— Vizinha do coração
A seus pés hoje aqui venho
Fazer-lhe uma petição,
Caem-me as faces no chão
Pela vergonha que tenho.

É o negócio: eu queria
Que me emprestasse algum grão
Do que Vossa Senhoria
Nos seus celeiros encerra,
Pois que esta mesquinha terra
Me tem sido tão fatal!
Quando vier julho ardente
Serei muito pontual
Em pagar-lhe exatamente,
Não só o seu principal,
Mas aquilo em que assentarmos
Nos ajustes que tratarmos.
Esteve-lhe ouvindo tudo
Mui seriamente a formiga.
E torna-lhe em tom sisudo:
— Que fez, no verão, amiga!
Que fiz?, amada senhora,
Diz a cigarra: — Cantei.
— Era o mesmo qu’eu pensei,
Pois pode bailar agora —,
A formiga respondeu;
— Fizesse como fiz eu,
Que trabalhei no verão
Para no inverno ter pão.

Quem só nos divertimentos,
Sem cuidar na subsistencia,
Ocupa os seus pensamentos,
Quando cair na indigencia
Conte qu'ó mesmo há de ouvir
Àqueles a quem pedir.

A Galinha Que Punha os Ovos de Ouro

Um homem tinha
Uma galinha,
Que Juno bela
Por desenfado
Tinha fadado.
Vivia ela
Dentro dum covão,
E punha um ovo
D'ouro luzente
Em cada dia,
Que valeria
Seguramente
Dobrão e meio;
Mas o patrão,
Um dia, cheio
D'ímpia ambição,
Foi-se a galinha
E degolou-a.
Examinou-a

Porque supunha
Qu'em si continha
Rico tesouro,
Visto que punha
Os ovos de ouro.
Mas nada achou!
E por avaro
Se despojou
Do rico amparo
Que nela tinha.
Outra galinha
Jamais topou
Com tal condão;
E assim pagou
Sua ambição.

A Galha entre os Pavões

Pavão qu'andava na muda,
Sua plumagem largou,
E uma gralha presunçosa
Com ela o corpo adornou.
Entre um rancho de pavões
Atrevida se meteu,
Até qu'um dos camaradas
A impostora conheceu.
Passou palra aos companheiros,
Qu'em cima dela saltaram,
E não só o adorno alheio,
Mas o próprio lhe tiraram.
Voltou para as companheiras,
Que do sucesso informadas
A baniram do seu rancho
Ao som de mil apupadas.
O que sucedeu a gralha
Aos homens pode convir;
Aquele qu'o alheio veste
O vem na praça a despir.

Este caso, além do exposto,
Serve também de lição
A todos os que procuram
Parecer mais do que são.

A Lebre e a Tartaruga

— Apostemos — disse a lebre
A tartaruga matreira,
— Qu'eu chego primeiro ao alvo
Do que tu, qu'és tão ligeira.
— Cala a boca, toleirona —
Lhe disse a lebre mofando
— Ou tens perdida a cabeça,
Ou comigo estás zombando.
Respondeu-lhe a tartaruga:
— Nisso me estás a entender
Que receias apostar
Porque não queres perder.
— Pois tu, vã, qu'és uma lesma,
Queres competir coa a lebre?
Isso é doença, estás vária,
Provém do efeito da febre;
Eu, que por uma charneca
Corro dos galgos em frente,
Qu'os canso, sem que me possa
No lombo ferrar o dente,

Havia temer a quem
Gasta um' hora em dar um passo?
Retrucou-lhe a tartaruga
Com todo o desembaraço:
— Leva, amiga, de bazófias,
Desculpas não valem nada;
Se tem medo, não aposte;
Porém, de-se por cangada.
Ando no mar e na terra;
Sei muito bem o qu' é mundo;
Propus-me a' postar contigo
Porque sei no que me fundo.
— Pois vá feito — diz a lebre;
— E aquele velho sobreiro
seja a meta, e leve o prémio
A que chegar lá primeiro;
De juiz não precisamos;
Porqu' eu na meta vou por
As apostas, que serão
Da primeira que lá for.
Eis vai cumprir o qu' ajusta,
E volta num breve prazo;
Não digo o que foi a' posta,
Porque isso não vem ao caso.

Dado o sinal da partida,
Estando as duas a par,
A tartaruga começa
Lentamente a caminhar;
A lebre, tendo vergonha
De correr diante dela,
Tratando uma tal vitória
De peta, ou de bagatela,
Julga, cheia de vaidade,
Qu'inda tempo lhe sobeja
Se entrar a correr já quando
Perto do sobreiro a veja.
Deita-se, dorme o seu pouco;
Ergue-se e põe-se a observar
De que parte corre o vento,
E depois entra a pastar;
Eis deita uma vista d'olhos
Sobre a caminhante sorna;
Inda a ve longe da meta,
E a pastar de novo torna.
Olha; e depois qu'a ve perto
Começa a sua carreira;
Mas então apressa os passos
A tartaruga matreira.

À meta chega primeiro,
Apanha o prémio apressada,
Pregando a lebre vencida
Uma grande surriada.
Não basta só haver posses
Para obter o qu'intentamos;
É preciso por-lhe os meios,
Quando não atrás ficamos:
O contendor não desprezes
Por fraco, se te investir;
Por qu'um anão acordado
Mata um gigante a dormir.

A Lebre e as Rãs

Uma lebre em sua toca
Suponha-se o que faria,
Temerosa, estava alerta
A ver se passos sentia.
Melancólica por génio,
Ralava-se de temor,
E sentia um sobressalto
Ao mais pequeno rumor.
— Quanto infausta sou — dizia
— no centro destes desertos,
Onde o susto me constrange
A dormir d'olhos abertos!
Talvez que muitos me digam:
D'alma esse medo sacode;
Mas se ele é de natureza,
Quem é que mudá-lo pode?
Talvez também os mais passem
Em sustos os dias seus:
Porém os males dos outros
Não remedeiam os meus.

Sempre inquieta e duvidosa,
Assim razoava a lebre,
Um vento, uma sombra, um nada,
Lhe dava um susto, uma febre.
Era tempo de ir ao pasto
E de largar o seu ninho,
Qu' é ditado: frio e fome
Metem a lebre a caminho.
Sai; porém, logo escutando
Um tiro, que ao longe soa,
Metem pernas a esconder-se
Nos juncos duma lagoa.
Ao ve-la as rãs d' improviso
Saltam n' água temerosas,
E vão no fundo esconder-se
Das suas lapas limosas.
— Que vejo? O Céus! — clama a lebre.
— Medo estas rãs de mim tem!
O mesmo que os mais me fazem
A elas faço eu também!
Ponho em susto um povo inteiro
E sou qual raio da guerra!
Quem me faz tão forte, quando
Tudo me assusta e me aterra?

Inda o que for mais medroso
Há de outro medroso ver,
A quem uma voz ao menos
De susto faça tremer.

Igualmente o desditoso
Não deve desesperar,
Qu'outro mais infeliz qu'ele
Pode no mundo encontrar.

A Mulher Teimosa Afogada

Um homem qu'era casado
Com mulher néscia, e teimosa,
Que tinha um génio danado,
Foi um dia
Fazer certa romaria
Distante do povoado,
Eis que um rio caudaloso,
No fim da estrada encontraram,
Que passar era forçoso.
O marido
Sonda o vau e, prevenido,
Teme entrar no pego undoso.
A mulher, teimosa e má,
Lhe diz: — Entra n'água, á fona,
Que perigo nenhum há.
— Há perigo —,
Torna-lhe ele — E não prossigo.
E ela diz: — Pois eu vou lá.
Nisto mete-se imprudente
A levada impetuosa

Feita pela grossa enchente.
Então cai,
E indo ao fundo aos urros vai
Envolvida na corrente.
Aterrado, o pobre esposo,
Vendo aquela atroz desgraça,
Inda quer salvá-la ansioso;
Que a lastima,
E vai pelo rio acima
Procurando-a cuidadoso.
Os que viram abismá-la,
Vendo-o ir contra a corrente,
Dizem: — Valha-te uma bala,
borracho,
Se foi pelo rio abaixo
Lá em cima é qu'hás de achá-la?
Torna-lhe ele: — Este dragão
Sempre com todos viveu
Em fera contradição,
E por má,
Juro que subindo irá,
Se as águas descendo estão.
Às avessas da outra gente
Andou toda a sua vida;

Mas já teimosa imprudente

Não será,

Qu'o génio que o berço dá

Tira-o a tumba somente.

A Perdiz e a Lebre

Uma perdiz e uma lebre
No mesmo campo habitavam,
E em vindo a perdiz ao chão
Ambas muito conversavam.
A lebre as nuvens erguia
De seus pés a ligeireza;
Louvava das asas suas
A perdiz a fortaleza.
Mas ao campo veio um dia
Matilha de cães de caça,
E a lebre foi esconder-se,
Temendo alguma desgraça.
O Esperto e o Fusco, podengos,
De olfato muito subtil,
Pela pista farejando
Deram prontos no covil.
Era terreno arenoso;
E logo tanto raparam,
Que arrombando a frágil toca
A pobre lebre apanharam.

A perdiz, tudo observando,
Qual as amigas modernas,
Disse: — É bem feito, pacóvia,
De que te serviu ter pernas?
Tantas vezes celebraste
Tua grande ligeireza,
E sem que um só pulo desses
No covil ficaste presa.
Enquanto a perdiz mofava
Do qu'a mísera passou,
Parado, c'os olhos nela,
Um perdigueiro observou.
Já de sustos perturbada,
Batendo as asas fugiu;
Mas o cão, destro correndo,
Bem que de longe a seguiu:
Cansada, pousou num monte,
E ele sobr'ela correu;
Tornou-se a erguer, perseguiu-a,
Cansou-a, e morte lhe deu.
Se enquanto em pilhar a lebre
A matilha se empregava
Tivesse a louca fugido,
Decerto a morte escapava.

Zombarmos do mal alheio
Foi sempre loucura atroz;
Que nos pode vir por casa,
E então zombarem de nós.

A Pomba e a Formiga

Enquanto a sede uma pomba
Em clara fonte mitiga,
Ve por um triste desastre
Cair n'água uma formiga.
Naquele vasto oceano
A pobre luta e braceja,
E vir a margem da fonte
Inutilmente deseja.
A pomba, por ter dó dela,
N'água uma ervinha lhe lança;
Neste vasto promontório
A triste salvar-se alcança.
Na terra a põe uma aragem;
E livre do precipício,
Acha logo ocasião
De pagar o benefício.
Que ve atrás de um vaiado,
Já fazendo a pomba festa,
Um descalço caçador,
Que dura farpa lhe assesta.

Supondo-a já na panela,
Diz: — Hei de te hoje cear —;
Mas nisto a formiga astuta
Lhe morde num calcanhar.
Sucumbe a dor, torce o corpo,
Erra o tiro, a pomba foge;
Diz-lhe a formiga: — Coitado!
Foi-se embora a ceia de hoje.
De boca aberta ficando,
Conhece o pobre glutão
Que só devemos contar
Com o que temos na mão.
E posto enfim que haja ingratos,
Notar devemos também
Que as mais das vezes no mundo
Não se perde o fazer bem.

A Rã e o Boi

Num prado uma rã
Um boi contemplou,
E ser maior que ele
Vaidosa intentou.
A pele enrugada
Inchando alargou.
E as leves irmãs
Assim perguntou:
— Maior qu’o boi,
Ó manas, já sou?
— Não és — lhe disseram,
E a rã lhes tornou:
— E agora inda não?
Mais inda inchou.
Eis logo de todas
Um não escudou.
Inchar-se invejosa
De novo buscou,
Mas dando um estouro
A vida acabou.

Também, se em grandeza

Vencer procurou

O pobre ao potente,

Por força estourou.

A Raposa, a Cabra e a Filha

Contra a raposa sabida,
Uma cabra prevenida
A pastar sair querendo,
O fecho da porta erguendo,
À sua prole querida
Assim disse, o mal prevendo:
— Agora, filha sincera,
Que tenho qu'ir ao pascigo,
Toma conta no que digo:
Saberás qu'há uma fera,
Que raposa tem por nome,
A qual rouba, mata e come,
Pelos embustes que trama,
Tenras cabrinhas de mama;
E assim, filha, muito importa
Qu'enquanto a casa eu não venha
A ninguém abras a porta
Sem que te de esta senha:
"Mau fim a raposa tenha
Mais a sua geração."

Por ali passava então
Uma raposa perversa,
Qu'ouvindo toda a conversa
De cor a senha aprendeu,
E vendo a cabra sair,
Chegou-se a porta e bateu.
Entrou a voz a fingir,
Dizendo: — Podes abrir,
Cara filha, que sou eu.
E nisto a senha lhe deu.
A cabrinha temerosa
Da voz estranhando o tom,
Lhe respondeu cautelosa:
— Amiga, seria bom,
Antes qu'eu a porta abrisse,
Qu'uma das tuas mãos visse;
E portanto o braço entorta,
E ve se o podes meter
Aqui por baixo da porta,
A fim de qu'eu possa ver
Se é garra ou unha o que tens;
Doutra sorte, errada vens.
Do qu'ouviu tonta a matreira
Replicou muito lampeira:

— Porque raposas tem unha?
Era o mesmo qu'eu supunha.
A cabrinha então clamou,
E no fecho carregou.
A raposa presumida,
Tonta, pasmada, aturdida
De ver em tão pouca idade
Tamanha sagacidade,
Partiu a tratar da vida;
E a cabrinha acautelada
Escapou de ser tragada.
Quase sempre a segurança
Serve aos mortais de guarida,
E a sábia desconfiança
Mil vezes nos poupa a vida.

A Raposa e a Cegonha

Quis a raposa matreira,
Que excede todos na ronha,
Lá por piques de outro tempo,
Pregar um ópio a cegonha.
Topando-a, lhe diz: — Comadre,
Tenho amanhã belas migas,
E eu nada como com gosto
Sem convidar as amigas.
De lá ir jantar comigo
Quero que tenha a bondade;
Vá em jejum, porque pode
Tirar-lhe o almoço a vontade.
Agradeceu-lhe a cegonha
Uma oferenda tão singela,
E contava que teria
Uma grande fartadela.
Ao sítio aprazado foi,
Era meio-dia em ponto,
E com efeito a raposa
Já tinha o banquete pronto.

Espalhadas num lajedo
Pos as migas do jantar,
E a cegonha diz: — Comadre,
Aqui as tenho a esfriar.
Creio que são muito boas
— Sans façon — vamos a elas.
Eis logo chupa metade
Nas primeiras lambidelas.
No longo bico a cegonha
Nada podia apanhar;
E a raposa, em ar de mofa,
Mamou inteiro o jantar.
Ficando morta de fome
Não disse nada a cegonha;
Mas logo jurou vingar-se
Daquela pouca-vergonha.
E, fingindo ser-lhe grata,
Disse: — Comadre, eu a instigo
A dar-me o gosto amanhã
De ir também jantar comigo.
A raposa lambisqueira
Na cegonha se fiou,
E ao convite, as horas dadas,
No outro dia não faltou.

Uma botija com papas
Pronta a cegonha lhe tinha;
E diz-lhe: — Sem cerimónia,
A elas, comadre minha.
Já pelo estreito gargalo
Comendo, o bico metia,
E a esperta só lambiscava
O que a cegonha caía.
Ela, depois de estar farta,
Lhe disse: — Prezada amiga,
Demos mil graças ao Céu
Por nos encher a barriga.
A raposa, conhecendo
A vingança da cegonha,
Safou-se de orelha baixa,
Com mais fome que vergonha.

Enganadores nocivos,
Aprendeí esta lição:
Tramas com tramas se pagam,
Que é pena de Talião.
Se quase sempre os que iludem
Sem que os iludam não passam,
Nunca ninguém faça aos outros

O que não quer que lhe façam.

A Raposa e o Lobo

— Compadre — (contam que ao lobo

Disse a raposa uma vez) —,

Pari dois filhos, e agora

Não mos comas, por quem és.

— Não, comadre, está segura —

(Logo o lobo lhe tornou) —,

Que nunca em dano de amigos

O meu dente se embotou.

Lembra-me ainda aquele inverno,

Em que tão doente andei,

Que dos teus roubos e traças,

Comadre, me sustentei.

Mas é preciso que deles

Me des agora os sinais,

Para isentá-los da morte

Quando for comer os mais.

De gosto de tal promessa

A raposa regougou;

E catando-lhe uma orelha,

Desta sorte lhe falou:

— De todos os raposinhos,
Que hás de, compadre encontrar,
Os mais nédios, mais formosos,
São os meus, não tens que errar.
Com estes sinais somente
O lobo se despediu;
E logo em busca de presa
Às vastas brenhas partiu.
Em uma hedionda furna
Aonde a fome o levou,
Mui feios, sujos e auguados
Dois raposinhos achou.
— Não são os da minha amiga,
Pelos sinais que me deu —
Disse, e lançando-lhes a garras
Ambos matou, e comeu.
Eis entra a raposa, e clama,
Vendo o sucesso: — Ai de mim!
Ai de mim! negro compadre,
Que aos filhos meus deste fim.
Tão incessante rogar-to,
Ai, triste! não me valeu.
Mas nisto o prudente lobo
Severo lhe respondeu:

— Pelos sinais que me deste
Os teus filhos não comi;
E se estes eram teus filhos
Então queixa-te de ti.

O muito que tudo nosso
Com excesso nos apraz,
Quase sempre é que no mundo
Mil prejuízos nos faz.

A Raposa, o Macaco e Outros Animais

Havendo a tirana parca
Tirado a vida ao leão,
Das vastas selvas monarca,
Numa oculta solidão,
Os animais se juntaram;
Do cofre a c'roa tiraram;
De qu'era guarda um dragão,
A pleno voto assentaram,
Qu'a fronte em qu'ela servisse
Desde logo a possuísse.
Mil animais se aprontaram
E a c'roa a fronte levaram;
Porém, a nenhum servia,
Um por ter a testa esguia,
Outro por ser cabeçudo;
Notando o macaco tudo,
Bem qu'inda fraco se visse,
Duma grande macacoa
Tomou entre as mãos a c'roa,
E com muita macaquice,

Posto que mal lhe servisse,
Na cabeça a colocou.
Tanto ao congresso agradou
Sua aparente viveza,
Gestos, esgares; destreza,
Que por seu rei o aclamou.
Festas houve, e mascaradas,
Touros, danças, cavalhadas,
Luminárias pelos campos,
Postas pelos pirilampos;
Tudo em prazer se inundou!
Só a raposa prudente,
Ficou assaz descontente,
Mas seu enojo ocultou
E ao rei novo a mão beijou.
De tres meses no decurso
Nada o mono feito havia;
A cavalo sobre um urso,
Com gaifonas todo o dia,
Do governo se esquecia.
Eis a raposa matreira,
Observando, sorrateira,
Tal porte, desordem tal,
Quis por termo a tanto mal:

Certo dia, muito cedo,
Foi ao palácio real
E disse ao rei, em segredo,
Q'um tesouro oculto havia,
De que só ela sabia,
E qu'a Sua Majestade
Por direito pertencia.
Desta feliz novidade
O rei ficou tão contente,
Que se dignou ternamente
A dar-lhe um fervido abraço;
E da esperta em companhia
Mesmo a pé saiu do paço.
Numa floresta sombria
Entraram em breve espaço;
E disse a raposa qu'era
Onde o tesouro existia:
Omono, sem mais espera,
Num covil qu'ela apontou
Foi logo meter o braço.
Mal enredado ficou.
Assim que preso no laço
A cavilosa o pilhou.
A conselho os animais

Àquele sítio chamou
E o rei preso lhes mostrou,
Dizendo-lhes: — Vede ali
Do vosso engano os sinais,
Caiu no laço q'urdi
Por ser néscio, e refleti
Que reger não pode os mais
Quem tão mal se rege a si.
O congresso, qu'até'li
Ocultava o seu desgosto,
Vendo fausta ocasião,
Exclamou: — Seja deposto.
E deposto foi então.
Porém, como se temia
A desgraça d'anarquia,
Elevou-se outro leão
Noutro clima produzido
Para rei daquele povo;
Que bem qu'era leão novo,
Para rei tinha nascido:
A notícia da eleição
A raposa lhe levou
Primeiro do que ninguém:
Agradeceu-lha o leão;

Veio a pé sem nenhum trem,
Tomou posse e reinou bem.
Aparencias de juízo,
Ser alegre, ter bom ar,
Não é só qu'è preciso
Para reger, ou reinar:
Cumpre qu'haja tolerancia,
Retidão, discernimento,
Inteireza, vigilancia,
Cultivado entendimento,
As lisonjas vãs ser mouco,
Ouvir muito e crer em pouco.
O que tais dons ajuntar
Pode o mundo governar.

A Serpente e a Lima

Conta-se q'uma serpente
Dum serralheiros vizinha,
Esfomeada e mesquinha,
Na loja a noite lhe entrou.
Correu tudo, e, não achando
Em que da fome se exima,
Pos-se a roer numa lima
Qu'ali primeiro encontrou.
Esta, sem que se agastasse,
Lhe disse: — Rói-me, ó serpente,
Verás depois qu'o teu dente
Há de sentir quem eu sou.
Assim foi! Rombos ficaram
Os dentes a serpe dura,
Que desde aquela aventura
Sempre a roer lhe custou.

Convosco falo, ó vãos zoilos,
Vãos de talento, e de estudo,
Mas que ousais morder em tudo.

São ouro as obras do sábio,
Se as roeis, roeis vãmente;
Não se imprime o vosso dente
No que a fama eternizou.

A Tainha e o Pescador

Uma pequena tainha,
Qu'inda não era fataça,
Na margem duma ribeira
Caiu em dolosa nassa.
O pescador, quando a viu,
Lhe disse: — És pequena assaz,
Mas fazes número; a noite,
De ceia me servirás.
— Tem dó de mim — clamou ela —,
Num tom de voz muito agudo,
Qu'este caso foi no tempo
Em que inda falava tudo.
— Tem dó de mim — prosseguiu —,
Torna-me n'água a lançar,
E quando eu for mais crescida,
Podes-me então apanhar.
De que te sirvo eu agora
Nesta minha pequenez?
Sou um mesquinho bocado,
Que se engole duma vez;

Por alto preço me podes
Quando eu for grande vender;
Ou ter em mim tres jantares
Se me quiseses comer.
O pescador lhe tornou:
— Falas verdade, bem sei;
Mas antes um ‘toma lá’,
Do que dois ‘eu te darei’.
Tu, e algumas irmãs tuas,
Qu’inda hoje espero pescar,
Hão de servir-me esta noite,
Qu’as hei de fritas cear;
Talvez que mais te não visse
Se te soltasse piedoso;
É tolo quem deixa o certo
Pelo que está duvidoso.

A Vista de Quem É Dono

Um tímido veado
Por ímpios cães instado,
Foi num curral de bois
Buscar piedoso abrigo
E escudo ao seu perigo.
Um boi disse: — O vizinho,
Vai, segue o teu caminho,
Melhor asilo busca.
Tornou-lhe o cervo assim:
— Irmão, tem dó de mim!
Lá fora anda um cachorro,
Que se me apanha eu morro!
Aqui ficar me deixa,
Qu'em prémio um bom pascigo
Te indicarei, amigo.
Calou-se o boi, e no entanto
O cervo pos-se a um canto;
Trouxeram erva os moços,
Entraram e saíram,
E o hóspede não viram.

Já livre se julgava
Do susto qu'encarava;
Pos-se a comer no feno,
E junto a manjedoura
Foi rede varredoura!
Um boi lhe disse então:
— Em risco estás, irmão!
Qu'esse homem de cem olhos
Não veio ind'hoje aqui!
E a vir, pobre de ti!
O tímido veado
Foi por-se alapardado
Entre uma carga d'erva;
E entrou nela a comer
Por tempo não perder.
Chegou pouco depois
O dono a ver os bois,
Dos moços precedido;
E um tanto carrancudo
Pos-se a ralhar por tudo:
— Levanta esse aguilhão,
A canga está no chão,
Feno ao mourisco deita;
Parece est'erva pouca,

Aqui há outra boca!
Deitando ao lado os olhos,
Viu entre os verdes molhos
Um galho d'armadura
Do tímido veado,
Qu'estava acaçapado.
Então lhe disse: — Olá!
Voce também por cá!
Comendo o pasto aos bois!
Espere —, e c'um forçado
Deu morte ao malfadado!
Tem mais vista, ou melhor,
Os olhos dum senhor
Do qu'os dos seus criados;
Porqu'o próprio interesse
As vistas esclarece.

As Duas Panelas

Prenderam duas panelas
Atrás na argola dum carro,
Era a primeira de cobre
E a segunda de barro.
Logo ao primeiro balanço;
Que ao mover-se o carro deu;
Porque estavam tão unidas
Uma na outra bateu;
Disse a de cobre a de barro:

Sentido não me provoque,
Conheça melhor quem é,
E nem por brinco me toque.
Veja que eu sou de metal
De que se faz o dinheiro,
E voce de humilde barro,
Que sempre acaba em caqueiro.
Olá, Senhora Fidalga:
Lhe torna a outra panela,
Não ve, que o meu interesse

É fugir de tocar nela;
Se tornarmos a bater,
Qual é a prejudicada,
Fica a Senhora sem mancha;
E eu pelo menos quebrada.
É imagem do egoísta
Esta panela de cobre;
Que somente em si cuidando,
Não lhe importa o que é mais pobre;
À sombra de um prejuízo,
Que muito ao longe imagina
Mais o aflige do que ver
Dos mais a total ruína.

Aviso de Sócrates

Sócrates fez umas casas
De Atenas em certa rua,
Para nelas habitar
Co'a pouca família sua.
Qu'eram baixas uns diziam,
E outros bastante elevadas,
E em suma convinham todos
Em qu'eram muito apertadas.
— São apertadas, é certo
Disse o sábio —, mas eu não sei
Que de amigos verdadeiros
Cheias jamais as verei.

É mais raro do que a Fénix
Um amigo verdadeiro:
Não há nome tão sagrado
Que seja mais corriqueiro.

O Burro e o Dogue

Era uma vez um jumento
Que certa casa servia,
Na qual também muito nédio
Um dogue formoso havia.

No silencio d'alta noite
O orelhudo comparava
A sua penosa vida
Com a que o dogue levava.
Uma vez, triste e zangado,
Entrou a dizer assim:
— Trabalho mais do qu'eu posso,
e ninguém tem dó de mim!
Esse dogue, esse cachorro,
Passa vida regalada,
Corre, pula, brinca e dorme.
Come, bebe, e não faz nada.
Mas creio qu'ele desfruta
Uma estimação tão alta,
Porqu'assim qu'o patrão chega

Faz-lhe festa, gane e salta.
E a mim, talvez me odeiem,
Porqu'um tanto sou casmurro
E trago impressa na frente
Sempre tristeza de burro.
De vida se mude; o instinto
Qu'imita o dogue me diz,
Que fazendo o qu'ele faz
Posso também ser feliz.
Constante neste projeto,
Quebrando o cabresto um dia,
Pos-se a espera, d'olho alerta,
A ver se o patrão saía.
Zurrando apenas o viu,
Nele aos pinotes saltou,
Pos-lhe as patas sobre o peito
E na calçada o lançou.
Depois entrou a lambe-lo,
Tal como o dogue fazia;
Dava-lhe em defesa o dono
Murro e coice que fervia.
Depois que se pode erguer,
Lançando mão de um cajado,
Deu-lhe a deixá-lo por morto,

Julgando-o louco, ou danado.
Assim pagou a imprudencia
Da sua louca invenção;
Cada qual tem seus instintos;
Ser burro não é ser cão.

Deveremos conhecer-nos;
Qu'além de arrojo é leveza
Buscar transpor os limites
Que nos pos a Natureza.

O Burro e os Donos

O burro de um hortelão
À sorte se lamentava,
Dizendo que madrugava,
Fosse qual fosse a estação,
Primeiro qu'os resplendores
Do Sol trouxessem o dia.
— Os galos madrugadores
(O néscio burro dizia)
mais cedo não abrem olho,
E porque? Por ir a praça
C'uma carga de repolho,
Um feixe d'aipo, ou labação,
Alguns nabos e bringelas;
E por estas bagatelas
Me fazem perder o sono.
A sorte ouviu seu clamor
E deu-lhe em breve outro dono,
Qu'era um rico surrador.
Eis de couros carregado,
Sofrendo um cruel fedor,

Já carpia ter deixado
O seu antigo senhor.
— Naquele tempo dourado —
Dizia —, andava eu contente,
Cada vez que ia ao mercado
Botava a cangalha o dente,
Lá vinha a couve, a nabiça,
A chivarola, o folhado,
E outras castas de hortaliça;
Mas se hoje, fraco do peito,
O meu dente a carga deito,
Em vez da viçosa rama
Da celga, do grelo, ou nabo,
Só acho dura courama,
Que fede mais qu’o Diabo!
Prestando as queixas do burro
A sorte alguma atenção,
Lhe deu por novo patrão
Um carvoeiro casmurro.
Entrou em nova aflição
O desgostoso jumento.
Vendo faltar-lhe o sustento
E em negro pó de carvão
Andando sempre afogado,

Tornou a carpir seu fado.
— Que tal! — diz a sorte em fúria
Este maldito sendeiro
Com sua eterna lamúria
Mais me cansa, mais me aflige,
Qu'um avaro aventureiro
Quando fortunas me exige;
Pensa acaso este imprudente
Que só ele é desgraçado?
Por esse mundo espalhado
Não ve tanto descontente?
Já me cansa este marmanjo!
Quer qu'eu me ocupe somente
Em cuidar do seu arranjo?

Foi justo da sorte o enfado,
Qu'é propensão do vivente
Lamentar-se do presente
E chorar pelo passado:
Que ninguém vive contente,
Seja qual for o seu estado.

O Burro Vestido com Pele de Leão

Quebrando a peia,
Fofu sendeiro
Fugiu ao dono,
Qu'era moleiro;
Dentro de um bosque
O fanfarrão
Achou a pele
D'alto leão;
Em toda a parte,
Dela vestido,
Por leão fero
Era temido;
Homens e brutos
O respeitavam,
Fugiam logo
Qu'o divisavam;
Mas das orelhas
Uma pontinha
De fora ao burro
Ficado tinha;

Foi vista acaso
Pelo moleiro,
Que julgou logo
Ser o sendeiro;
Indo-lhe ao lombo
Com um cajado,
Puniu o arrojo
Do mascarado;
Do tolo rindo,
Despiu-lhe a pele,
Pos-lhe uma albarda
E montou nele.
Tal entre os homens
Mil se conhecem,
Os quais são uns,
E outros parecem,
Despem-lhe a pele
Que os faz troantes,
Ficam sendeiros
Como eram dantes.

O Cão Vendo a Sua Imagem na Água

A nado passava
Um claro ribeiro
Avaro rafeiro;
Na boca levava
De carne um tassalho
Furtado num talho.
Do rio no fundo
Notou insensato
Seu próprio retrato;
Julgou furibundo
Ser outro o que via
E carne trazia.
Tirar-lha querendo,
Largou o bocado
Que tinha furtado,
Mergulhos fazendo;
E foi providencia
Salvar a existencia.

É ser ambicioso,

Além d'inexperto,
Deixar pelo certo
O qu' é duvidoso.

O Carreteiro Atolado

Por caminho apaulado,
Mui barrento e mal gradado,
O seu carro conduzia,
Que trazia
D'erva e feno carregado,
Inexperito carreteiro.
Por incúria o desgraçado,
Num grandíssimo atoleiro,
Enterrar deixou seu gado.
Era longe o povoado,
E não vinha caminheiro
Qu'ó ajudasse e lhe acudisse;
De aflição desesperado Se maldisse!
E exclamou, todo inflamado:
— Vem, ó Hércules sagrado,
Acudir-me pressuroso,
Pois que já sobre o costado
Sustentaste o Céu formoso.
O teu braço vigoroso
Se me acode,

Este carro tirar pode
Do atoleiro.
Deste modo se carpia
O carreiro,
Quando ouviu uma voz forte
Que não longe lhe dizia
Desta sorte:
— Se quiseres que te valha,
Mandrião, lida, trabalha,
Examina donde vem
Esse estorvo que te encalha
Ou detém:
Salta acima desse carro,
E tira-lhe um fueiro,
De redor lhe arreda o barro;
Bota pedras no atoleiro,
Calça as rodas, e depois
Põe-te a frente e pica os bois.
Tudo fez o carreteiro
Que lhe tinham ensinado;
E ficou muito pasmado
Quando viu surdir avante
O seu carro do lameiro.
— E milagre — exclamou logo —,

Ouviu Hércules prestante
O meu rogo
E evitou-me o precipício:
Graças mil, númen propício.
Acabando De falar apenas ia,
Outra voz em tom mais brando Lhe dizia:

Confiar na providencia
Para obter o qu'intentamos
Sem que os meios lhe ponhamos
É demencia.
Nada obtém quem não procura;
Que foi sempre a diligencia
Mãe da sólida ventura.

O Cavalo e o Burro

Ia um burro carregado,
E na sua companhia
Um cavalo também ia,
Sem carga, leda a saltar.
— Ajuda-me — disse o burro —,
A levar este carrego,
Senão a vila não chego,
Que já me sinto expirar!
Da minha carga, metade
É para ti bagatela;
Levando-a, brincas com ela,
E eu posso alívio encontrar.
Fazendo mofa do burro,
O cavalo, por tolice,
Deu dois pinotes e disse:
— Sendeiro, vai bugiar.
Sem alento, afadigado,
Calou-se o pobre burrinho;
Eis em meio do caminho
Caiu por arrebentar!

Veio o dono, e do seu burro
Lamentou a infausta sorte;
Mas ao cavalo esta morte
Não veio pouco a custar!
Que pondo-lhe toda a carga,
Por mais lhe cheirar a esturro,
Albarda e pele do burro
Foi constrangido a levar.

Quem a pequena tarefa
O corpo esquiva por manha,
as vezes vem-lhe tamanha
Que lhe custa a suportar:
Valer n'aflição aos outros
E dever da humanidade;
Não lhe acudir é maldade
Qu'o Céu costuma vingar.

O Cavalo e o Lobo

Na linda estação das flores,
Às horas do meio-dia,
Brioso, esperto cavalo,
A verde relva pascia.
Dum bosque vizinho um lobo,
Botando-lhe o lúzio, diz:
— Quem te comer essas carnes
É por extremo feliz!
Ah!, que se foras carneiro,
Ou mesmo burro, ou vitela,
Já marchando me andarias
Pelo estreito da goela;
Mas és um castelo! E assaz
Temo a tua artilharia!
Vou bloquear-te, e do engano
Fazer fogo a bateria.
Então do bosque saindo
Em passo lento, e miúdo,
De largo diz ao cavalo:
— Camarada, eu te saúdo;

Respeita em mim um galeno,
Que passa a vida a curar,
Que das ervas as virtudes
Sabe aos morbos aplicar;
Aposto que tens moléstias,
E porque na cura erraram,
Tomar ares para o campo,
Como é uso, te mandaram;
Se quiseses que te cure,
Ficarás são como um pero;
— Grátis — que, bem entendido,
Paga de amigos não quero.
O cavalo, conhecendo
A malícia do impostor,
Diz-lhe: — O Céu lhe pague o bem
Que me faz, Senhor Doutor;
É verdade qu'eu padeço
Há nove dias, ou dez,
Um tumor e uma ferida,
Tudo nas unhas dos pés.
— Bem qu'essa doença toque
À cirurgia somente
Diz o lobo —, eu nesse ramo
Sou um práctico eminente!

Torna-lhe o fingido enfermo:

— Pois então, Senhor Doutor,

Chegue-se a mim, qu'eu me volto,

Venha apalpar-me o tumor.

— Pois não, filho! — diz-lhe o lobo,

E a fim de o filar se chega.

Mas de repente o cavalo

Dois grandes coices lhe prega:

Acerta-lhe pela frente,

Faz-lhe o focinho num bolo;

E o lobo exclama: — É bem feito!

Quem me manda a mim ser tolo?

Mete pernas como pode,

Dizendo um tanto enfadado:

— Com a breca as armas!

Fui Buscar lã, vim tosquiado.

De carnicheiro a ervanário

Quis passar sem qu'estudasse;

Levei da toleima o prémio;

Cada qual para o que nasce.

O Homem e a Gata

Um homem tinha uma gata
Por quem morria de amor,
Beleza lhe achava, encantos,
E um não-sei-que sedutor.
Inda mais louco que os loucos,
Por ela extremos fazia,
Até julgava que amor
Quando miava dizia;
Com pranto, rogos, prestígios,
Pode obter da sorte dura
Que lha mudasse em mulher;
Que tanto pode a loucura!
Foi dela a sua metade,
Dando-lhe de esposo a mão;
Nenhuma bela ao seu noivo
Prendeu tanto o coração.
Ele fazia-lhe afagos,
Ela amoroso carinho;
Mas turbava este prazer
Qualquer ligeiro ratinho:

Porque de noite na cama
Apenas algum sentia,
Madama saltando a casa,
Para apanhá-lo corria.
Olho a mira, ouvido alerta,
O marido sem sossego
Estava de boca aberta!
Da tranquila posse oriundo,
Já o frouxo dissabor
Lhe trocava em triste enojo
A chama antiga de amor.
Enfados, costas viradas,
Tromba, e mesmo cachaço,
Da esposa nunca mudava
A natural propensão.
Precauções nada faziam;
Qu'inda mesmo estando presa,
Saltava em sentindo ratos,
Tanto pode a Natureza!

Corrigir ninguém consegue
Mulher que por génio é má,
Que somente a cova tira
Propensões que o berço dá.

O apetite e novidade

São véus que cobrem defeitos,

Que avultam depois, e enfadam

Quando estamos satisfeitos.

O Homem e a Serpente

Um moço encontrou

Dormente

Serpente

Qu'o gelo enervou.

A casa a levou,

E logo

Do fogo

Mui perto a chegou.

A vil se animou,

Qu'em breve

Da neve

O efeito acabou;

A cauda anelou;

Erguendo

E torcendo

O colo, silvou:

A quem a salvou

Do corte

Da morte

Matar intentou.

O moço tomou
Pesado
Machado
E ao meio a cortou.
A ingrata acabou
Partida,
Co'a vida
Seu crime expiou.

O ter caridade
É da humanidade
Um sacro dever;
Porém, não a ter
Com feras ingratas
É d'almas sensatas.

O Homem e o Ídolo de Pau

Pela fama dos milagres,
Comproou um certo pagão
Um ídolo de madeira,
Por bom preço, num leilão.
Em casa o pos sobre um trono,
E para ve-lo propício
Lhe fazia d'alvas reses
Um e outro sacrifício:
Com mil rogos lhe implorava
Cargos, filhos, interesses;
Mas, tendo orelhas, o nume
Era surdo as suas preces.
Reiterava os sacrifícios
Com firmeza e confiança,
E bem qu'em vão, nunca o deus
Perdia a sua pitaça.
Mas de baldar tantas preces,
Um dia, desesperado,
Fez em cavacos ao deus
A golpes d'ímpio machado.

Cheio de ouro o achou por dentro,
E absorto exclama: — Que tal!
Já vejo qu'este senhor
Não se quer senão por mal.
Dentro em si tinha um tesouro,
E que o guardava parece
Só para aquele profano
Qu'em pedaços o fizesse.
Era este ídolo enganoso
Ao sobreiro comparado,
Que de si não larga frutos
Se não é bem varejado.
Homens há, quis o tal deus,
Para os qu'os honram inúteis,
E só rigor e violencia
Tem força de os tornar úteis.

O Homem, o Cão e a Galinha

Deu um dia em casa um homem

Dois pontapés no seu cão

Não sei porque; mas é crível

Que não foram sem razão.

Ganindo muito, o cachorro

Se foi meter na cozinha,

E sentou-se ao pé dum covo

Onde estava uma galinha.

Ali fez imensas queixas

Da má vida que passava,

E ao seu tirano senhor

D' ímpio e de injusto acusava.

A galinha lambareira

Lhe disse num certo ar:

— Se o caso fosse comigo,

Eu havia-me vingar.

— Como? — perguntou-lhe o cão.

E ela tornou-lhe a dizer:

— Como?, inda tu mo perguntas?

Isso não tem que saber.

Quando ele vier a noite,
Põe-te na escada estendido;
Porque ao subir tropeçando,
Leva um tombo desmedido.
Fingindo que o desconheces,
Então com ele embrulhado
Podes morde-lo a teu gosto,
E ficas mui bem vingado.
Tudo assim aconteceu
Qual a galinha o pintou,
O pobre patrão caiu
E tres dentadas levou.
Ao som do tremendo baque,
Logo os da casa acudiram,
E em braços, como em charola,
Para a cama o conduziram.

Quiseram-no por a caldos;
E a galinha lambareira
Do mau conselho que deu
Foi a vítima primeira.
Igualmente impune o cão
Não ficou do arrojo seu,
Que levou tosa tamanha,

Que no outro dia morreu.

Quase sempre um mau conselho

Fez a ruína, e fará

Tanto de quem o recebe

Como daquele que o dá.

O Lavrador e Seus Filhos

Lavrador já vizinho da morte
A seus filhos falou desta sorte:
— Filhos meus, um conselho vou dar-vos,
De qu’haveis toda a vida lembrar-vos:
Não vendais a frutífera terra
De meus pais, fausta herança qu’encerra
Um tesouro, qu’em dote lhes coube,
Mas o sítio qu’está nunca eu soube;
Qu’ele existe e que o há sei decerto,
Mas por vós deve ser descoberto;
Removei o terreno, lavrai-o,
Com desvelo a miúdo cavai-o,
E em ditosas colheitas obtendo,
Do tesouro porções ireis vendo.
Morto o velho, os seus filhos ficaram,
E o paterno conselho abraçaram,
Os seus campos tão bem revolveram,
Que feliz sementeira tiveram:

Todo o enfase então descobriram

Dos paternos ditames, e viram,
Recebendo feliz porção de ouro,
Qu' é no mundo o trabalho um tesouro.

O Leão e o Mosquito

Disse um leão por desprezo
A certo mosquito ardente:
Vai-te, escória vil da Terra,
— Vai-te, nonada vivente.
Jura-lhe guerra o mosquito,
Do que ouvira um tanto azedo,
E diz-lhe: — Acaso tu pensas,
Qu'eu de leões tenho medo?!
Porque'és das feras monarca
Nada me dás que temer,
Maior do que és é um touro,
E eu faço-o terra comer. —
Disse o trombeteiro herói;
E, tomando um ar agreste,
A trombeta horrenda toca
E ao fero inimigo investe;
Entre as jубas no pescoço
Lhe ferra o duro ferrão;
Como louco salta, e escuma,
Ruge e morde-se o leão.

Amedronta as outras feras
O seu furor inaudito,
Atroa os céus, sendo tudo
Obra de um ténue mosquito.
O aborto d'uma vil mosca
Por mil partes o molesta,
Punge-lhe o peito, o focinho,
Os olhos, o lombo, a testa;
Este invisível contrário
Triunfa do seu furor,
Garras, dentes, raiva, tudo
Lhe inutiliza o traidor;
Com a cauda açoita as ancas,
Sacode a increspada juba,
Até que a extrema fadiga
Vencido em terra o derruba.
Do combate se retira
O inseto cheio de glória,
E é a trombeta do ataque
A que apregoa a vitória.
Porém, quando mais vaidoso
Seu valor e esforço gaba,
Topa uma teia de aranha
Que a vida e glória lhe acaba.

Não desprezes por pequeno
O teu contrário também;
Porque dele as mais das vezes
O maior mal te provém.
Nem tão-pouco em bens confies
Desta vida transitória;
Q'uma só teia de aranha
Murchar pode a tua glória.

O Lenhador

Um mísero lenhador,
Que oitenta invernos contava,
Cum feixe de lenha as costas,
A passos lentos andava.
Pela idade enfraquecido,
Além do sustento escasso,
Tropeçou, caiu-lhe o feixe,
Fazendo um golpe num braço.
Depois, com pranto nos olhos,
Alguns alentos cobrou,
E, refletindo em seus males,
Sentado, assim declamou:
— Mais do qu'eu sou infeliz
Não há no globo um vivente,
Trabalho mais do que posso
E vivo assaz indigente;
Pouco pão, nenhum descanso,
Uma existencia oprimida,
Ah!, que não vejo quem tenha
Tão dura e penosa vida!

Filhos maus, mulher teimosa,
Mús pagas, duro credor,
Renda de casa, impostos,
Não há desgraça maior!
Vem, ó morte, ó morte amável!
Socorre a quem te apetece!
Eis que o esqueleto da morte
De repente lhe aparece
E diz: — Mortal, que me queres?
Torna-lhe ele de mãos postas:
— Quero, amiga, que me ajudes
A por este feixe as costas.

Na dor deseja-se a morte;
Mas quando vem faz tremer;
Qu' é dos viventes o instinto
Antes penar que morrer.

O Leão Doente

Um leão, vendo-se enfermo,
Passa aviso a seus vassallos
De qu'a vida vai por termo
E qu'intenta aconselhá-los
Sobre a regencia futura,
Dar-lhes beija-mão e honrá-los.
Dos leões a fé lhe jura
Que trata bem qualquer fera
Que o visita e que o procura;
Porém, na fumaça espera,
E quando alguma entrar ousa,
Logo a mata e dilacera.
Eis uma esperta raposa
Para e diz, sem qu'entre lá:
— Xau!, qu'eu observo uma cousa!
Pegadas mil aqui há;
Mas para lá todas vão,
E nenhuma para cá;
Saúde, Senhor Leão!
Quero-me a glória

De beijar-lhe a régia mão;
Porque jurei jamais ir
A qualquer casa, ou lugar,
Vendo só por onde entrar
E não por onde sair.

Foi reflexão mui subida
Esta que fez a raposa;
Qu' é loucura desmedida
Entrarmos em qualquer cousa
Sem ver se temos saída.

O Lobo, a Mulher e o Filho

Voraz lobo viu sair
Uma vez de madrugada,
Do casal dum campones,
De reses grossa manada.
Logo no dia seguinte,
Foi-lhe a porta madrugar,
Na ideia de qu'a saída
Pudesse alguma apanhar,
Pos-se mui concho agachado
D'ouvido alerta esperando,
Quando ouviu dentro da casa
Uma criança chorando.
E a mãe a dizer-lhe enfadada:
— Cale essa boca, mofino,
Inda chora? Espere, ó lobo,
Vem comer este menino.
Quando o lobo tal ouviu,
Cheio de alegre alvoroço,
Disse: — Imenso to agradeço,
O céu te pague este almoço.

Depois, empinado a porta,
Abrindo a vasta goela,
Supos que a mãe lhe botasse
O filho pela janela.
Mas nisto escutou dizer:
— Durma já, não seja mau!
Se o lobo quiser cá vir
Havemos de corre-lo a pau.
— Qu'inconsequencia tamanha! -
Diz o glutão insofrido —,
Há de cumprir-me a promessa,
Qu'ó prometido é devido.
Nisto, ao som de uivos horrendos,
Na porta a rapar entrou,
De sorte qu'aos guardadores
Que dormiam acordou.
Eis de fouces roçadouras,
De paus e chuços armados,
Saltando-lhe logo em cima
Fizeram-no em mil bocados.
Da vila ao senhor levaram
A cabeça do agressor,
Que a mandou, com esta letra,
Em meio da praça por:

— Da nímia credulidade
Vítima foi este louco,
Em ameaços de quem ama
Deve-se crer muito pouco.

O Lobo e a Cegonha

Dando co'as mãos no focinho
Tossia um lobo engasgado.
Porque dentro das goelas
Tinha um osso atravessado.
Eis que viu uma cegonha,
E por gestos, por ações,
Que lhe acudisse rogou
Em tão grandes aflições.
A mezinheira piedosa,
Logo estendendo o pescoço,
Lhe tirou dos gorgomilos
Co'a maior destreza o osso.
Acabada a operação,
Pedi-lhe a paga a cegonha;
Mas o ingrato respondeu-lhe
Com esta pouca-vergonha:
— Basta-te a glória de teres
Hoje a cabeça metida
Dentro da boca de um lobo
E inda gozares de vida;

Devia ser outra a paga;
Mas vai-te daqui, ó louca,
E livra-te de me entrares
Outra vez dentro da boca.
Somente dos benefícios
Que aos maléficos prestamos
O triste arrependimento
É o fruto que tiramos.

O Lobo e o Cordeiro

Num rio matava a sede
Tenro anafado cordeiro,
E mais acima, igualmente,
Bebia um lobo matreiro.
Podia a fera faminta
Logo saltar e ir-lhe ao pelo;
Mas sem pretexto não quis
Agadanhá-lo e come-lo.
Bradou-lhe: — O lá, So Tratante,
Espere, qu'eu já lá vou!
Turba-me as águas que bebo,
Sem atender a quem sou?
Diz-lhe ele: — Bem ve, senhor,
Qu'está da parte eminente,
E que de lá vindo as águas,
Turbar não posso a corrente.
— Turbaste-a, sim —, diz o lobo —
Além disso, o ano passado,
Tanto mal de mim disseste,
Qu'ia ficando infamado!

— Veja — torna-lhe o cordeiro,
Senhor, qu'está iludido,
Porqu'eu este ano passado
Inda não era nascido.
Raivoso, d'olhos em brasa,
Responde o lobo glutão:
— Foi teu famélico irmão.
O titubeante cordeiro,
Num rio matava a sede
Tenro anafado cordeiro,
E mais acima, igualmente,
Bebia um lobo matreiro.
Podia a fera faminta
Logo saltar e ir-lhe ao pelo;
Mas sem pretexto não quis
Agadanhá-lo e come-lo.
Bradou-lhe: — O lá, So Tratante,
Espere, qu'eu já lá vou!
Turba-me as águas que bebo,
Sem atender a quem sou?
Diz-lhe ele: — Bem ve, senhor,
Qu'está da parte eminente,
E que de lá vindo as águas,
Turbar não posso a corrente.

— Turbaste-a, sim —, diz o lobo —
Além disso, o ano passado,
Tanto mal de mim disseste,
Qu'ia ficando infamado!
— Veja — torna-lhe o cordeiro,
Senhor, qu'está iludido,
Porqu'eu este ano passado
Inda não era nascido.
Raivoso, d'olhos em brasa,
Responde o lobo glutão:
— Foi teu famélico irmão.
O titubeante cordeiro,
Que já em tremuras vive,
Lhe diz: — Senhor, é engano,
Porqu'eu irmãos nunca tive.
— Se ele não foi, foi teu pai,
Agora estás convencido
— Disse o lobo, e num momento
Foi o cordeiro engolido!
Que para dourar seus crimes,
Sempre o sagaz prepotente
Quer ter por base a razão,
Inda que seja aparente.

O Lobo Feito Pastor

O lobo por conhecido
Vendo fugir-lhe a ventura,
Da nova trama se lembra.
De disfarçar a figura:
Toma os trajes de pastor.
Veste pelico e gibão,
Seu rabel, sua sanfonha,
E a tiracol um surrão.
De um cajado se apodera,
E em seu chapéu desabado,
Podendo, escrevera;
— Eu sou Guilhot, pastor deste gado.
Desta forma contrafeito,
Pé ante pé se encaminha
Para o sítio onde o rebanho
Remói a tosada ervinha.
O verdadeiro Guilhot
A sono solto dormia,
Dormia o rabel com ele,
E o mesmo o seu cão fazia.

Uma parte do rebanho
Dormia a sombra igualmente:
O nosso hipócrita sonso
Já se baba de contente.
Para poder conduzir
Todo o gado a seu sabor,
Quer unir ao traje as vozes,
Quer fingir as do pastor.
Mas este apuro do engano
Lhe deita o caso a perder:
Que o som da voz pavoroso
Faz o campo estremecer.
Espavoridos acordam
O gado, o pastor e o cão,
E ao máscara conhecendo,
Ao lombo logo lhe vão;
Que vendo-se em calças pardas
Pelos fatos impedido,
Nem fugir, nem defender-se,
Ao menos lhe é permitido.

Com a vida paga o dolo;
Que anda o fingido arriscado
A ser por qualquer descuido

Conhecido e castigado.

Cansa-se em vão quem pretende

Seu natural encobrir;

Porqu'ou mais tarde ou mais cedo,

Lhe há de a máscara cair.

O Macho e o Burrinho

Da sua nobreza
Vivia enfunado
Um macho de sela
Dum gordo prelado;
Um dia o farfante
Assim blasonava
Cum velho burrinho
Qu'ao pé lhe ficava:
— Meu pai foi da raça
Do Duque de tal,
Serviu muitos anos
Na casa real;
Também meu avo
No paço vivia,
E d'ouro e veludo
Jaezes trazia;
Mas, sendo eu tão nobre,
Estou companheiro,
Por minha desgraça,
Dum pobre sendeiro

— Olá, So Fidalgo! —,
Lhe torna o burrinho,
— Voce já se esquece
De qu' é meu sobrinho?
Que foi minha irmã
A mãe que o pariu,
A qual numa nora
Dos peitos abriu?
Seu pai meu cunhado,
De quem nos blasona,
Morreu trabalhando
Em pobre atafona;
Pois esse ricaço,
Que foi seu avo,
Debaixo d'albarda
A vida acabou.

Embora um bazófio
Seu nada engrandeça,
Porém nunca avilte
A quem o conheça.

O Passarinho, o Milhano e a Cotovia

Passarinheiro sagaz
Laços num campo estendia
E com espelho falaz
Simples aves iludia,
Uma leve cotovia
Enganada ali pousou,
E um milhano que a seguia,
Baixando, a triste empolgou;
Deu voltas, preso ficou
Não menos qu'em laços tres;
Eis ao caçador clamou
Mais bravo do que cortes:
— Porque me prendes os pés,
Insano que mal te fez
Lhe disse ele —, essa infeliz.

Entre a classe dos humanos
Há muitos destes milhanos;
Que o mal qu'aos outros fomentam,
Quando lho fazem, lamentam.

O Raposo e o Galo

Sobre um tronco estando alerta

Velho galo astucioso:

— Irmão —, com voz de falsete

Lhe diz um destro raposo

— Venho alvíssaras pedir-te

E mil parabéns te dou,

Nossas guerras se acabaram,

Porquanto a paz se assinou.

Já todos somos amigos:

E quais irmãos viveremos;

Desce, que abraçar-te quero

Em prova da paz que temos.

Fui hoje eu mesmo incumbido

Desta dita anunciar,

Desce, vem, não te demores,

Que tenho muito que andar;

Tu e os teus podem sem susto

Por toda a parte correr,

Desce, e o beijo fraternal

Vem como Irmão receber.

— Amigo — lhe torna o galo,
Conhecendo-lhe a malícia,
— Tu não me podias dar
Mais agradável notícia.
Paz entre as feras e as aves!
Ah!, que morro de prazer!
Mas espera, que lá vejo
Vir dois galgos a correr!
São postilhões, certamente,
Qu'esta paz vem publicar,
Eu já desço, e todos quatro
Nos podemos abraçar.
— Adeus —, lhe torna o raposo
— Não posso deter-me agora,
Outra vez nos juntaremos,
E já tarde, vou-me embora.
Mais ligeiro do que um gamo
Se pos ao fresco o manhoso,
De não pegarem as bichas
Nimiamente desgostoso.
E o nosso galo matreiro
Consigo se pos a rir,
Vendo o tratante com medo
De orelha baixa fugir.

Qu' é um prazer quando vemos
O enganador enganado,
Qual o que vai buscar lã
E vem por fim tosquiado.

O Raposo e o Bode

Um grã-capitão raposo,
D'intonso e ruço bigode,
Foi passear certo dia
Com seu amigo Dom Bode.
O qual da família as armas
Trazia na frente audaz,
Tendo tanto de pacóvio
Quanto o amigo de sagaz,
Grande sede ambos levavam,
Que lhes tinha feito o almoço.
Eis que viram meio de água
Um velho pequeno poço.
Sem refletir em mais nada,
Dom Bode abaixo saltou,
Pouco depois o raposo
Assim que um pouco pensou.
Depois que a farta beberam,
Quiseram logo ir-se embora;
Mas era a dificuldade
Poder sair para fora.

Estava a Bíblia intrincada,
Mas sempre em casos de aperto
Ousa sair bem, a custa
Do que é tolo, o mais esperto:
— Amigo, estamos perdidos! —,
Disse o bode ao companheiro.
— Não estamos, verás logo —,
Tornou-lhe o amigo matreiro.
Junto a parede te empinas,
Onde o poço é menos alto,
Qu'eu ponho os pés nos teus chifres
As mãos firmo, e fora salto.
Assim qu'em cima estiver,
Lanço-te a garra ao pescoço,
Por ti puxo, e ficaremos
Ambos nós salvos do poço.
— Por minhas barbas eu juro —,
O outro diz banhado em pranto,
— Que é dita achar um amigo,
Como tu de engenho tanto.
Onde o bocal é mais baixo,
Eu me empino, trepa agora.
O raposo assim o fez,
E num pulo se viu fora.

Apenas se encontrou safo,
Disse: — Tem paciência, amigo,
O querer-te salvar fora
Expor-me a novo perigo;
Se te desse iguais as barbas
Talentos a Natureza,
D'entrar dentro deste poço
Não terias a leveza.
Ora adeus, qu'eu vou-me embora,
Trabalha por te safar,
Qu'eu tenho muitos negócios,
Não me posso demorar.
Pagou Dom Bode a toleima,
Que sempre tem que sentir
Quem faz coisas sem pensar
No que pode sobrevir.

O Rato e a Rã

Por divertir-se uma tarde,
Um rato nédio, e refeito,
Na margem duma lagoa
Passeava satisfeito.
Uma rã, que dentre os juncos
Tão gordo o ve passear,
De o comer tem apetite,
Que o julga um belo manjar.
Diz-lhe então: — Vem aos meus lares.
Ceia, e função te darei.
O rato, sem mais demora,
Pronto lhe torna: — Eu irei.
A rã, na margem saltando
Com refinada malícia,
Do seu aquático império
Lhe gaba a suma delícia.
Desta jornada lhe pinta
Novas futuras viagens.
O rato, sem mais ouvir,
Entra n'água, e nadar ousa;

Porém de estorvo lhe serve
Um limo, um pau, qualquer coisa.
Põe remédio a tudo a rã;
Cavilosa e de má-fé,
Prende com delgado junco
A mão do rato ao seu pé.
Então por ele puxando
Qual se leva a sirga um barco,
Dolosa ao sítio o conduz
Onde era mais fundo o charco.
Ali descarada busca
Afundá-lo sem piedade,
Contra o direito das gentes
E leis da hospitalidade.
O rato conjura os deuses,
Razões sem conto lhe alega;
Mas a rã, surda a seus rogos,
Só em matá-lo se emprega.
Das unhas se vale o pobre
Para defender a vida;
A rã com ele mergulha,
Volta, puxa, salta e lida.
Vendo um milhano o debate,
Cai-lhe em cima de repente,

Empolga a rã, indo o rato
Bem como selo pendente;
— Tenho —, então disse o milhano,
— Carne e peixe que cear;
Mas roendo o rato o junco
Cai n'água, e pode escapar.
A rã vítima foi só
Do seu embuste inumano;
E o mal que fazer queria
Lhe fez o feroz milhano.
Quase sempre as ímpias tramas
Urdem o mal do inventor;
E mil vezes a perfídia
Recai sobre o seu autor.

O Velho e os Seus Filhos

Um velho sábio, e prudente,
Vendo-se vizinho a morte,
Chama tres filhos que tem
E fala-lhes desta sorte:
—Eia, vede, amados filhos,
Se quebrais por força ou jeito
Este emblema —, e tira um molho
De varas de vime feito.
Ao filho mais velho o dá,
Que se propõe a parti-lo;
Mas, por mais forças qu'emprega,
Nunca pode consegui-lo.
Pega-lhe o filho segundo.
Destro e valente rapaz,
Que parti-lo não consegue
Por mais esforços que faz.
Entregam-no ao mais pequeno,
Que blasona de mui forte,
Torce, dobra-o, cora e sua,
E deixa-o da mesma sorte.

— Fracos moços! — diz o pai —,
Vossa fraqueza celebros!
Vede como desta idade
Essas varas todas quebro.
Depois, desatando o molho,
Pronto as varas dividindo,
Com toda a facilidade
Uma a uma as vai partindo.
E diz: — Vede neste exemplo,
Filhos do meu coração,
Os desastres da discórdia
E as vantagens da união.
Partir não podeis, ó moços,
As varas estando unidas;
Mas depois de separadas
São por fracas mãos partidas.
Se unidos vos conservardes,
Assim, ó filhos, sereis,
E aos baldões ímpios da sorte
Sem custo resistireis;
Mas se algum dia a desgraça
Vos chegar a desunir,
Qualquer de vós aos seus golpes
Não poderá resistir.

Assim o velho proclama
Esta brilhante doutrina,
E no fim de pouco tempo
Sua carreira termina.
Os filhos choram-lhe a morte
Com lamentos deploráveis!
Porém, lembram-se mui pouco
Dos seus conselhos saudáveis,
Porque danoso interesse
Em partilhas os envolve,
E um credor, e outro credor
Os bens paternos dissolve.
Depois, vomitando injúrias,
Uns contra os outros litigam,
E os ministros com prisões
E com multas os castigam.
Pobres por fim, noite e dia
Com pranto e queixas amaras
Recordam, mas sem remédio!,
O sábio exemplo das varas.

O Velho, o Rapaz e o Burro

O mundo ralha de tudo,
Tenha ou não tenha razão,
Quero contar uma história
Em prova desta asserção.
Partia um velho campónio
Do seu monte ao povoado,
Levava um neto que tinha
O seu burrinho montado.
Encontra uns homens que dizem:
— Olha aquela que tal é!
Montado o rapaz, qu' é forte,
E o velho tropego a pé.
— Tapemos a boca ao mundo —,
O velho disse: — Rapaz,
Desce do burro, qu' eu monto,
E vem caminhando atrás.
Monta-se, mas dizer ouve:
— Que patetice tão rata!
O tamanhão de burrinho,
E o pobre pequeno a pata.

— Eu me apeio —, diz prudente

O velho de boa-fé,

— Vá o burro sem carrego,

E vamos ambos a pé.

Apeiam-se, e outros lhe dizem:

— Toleirões, calcando lama!

De que lhes serve o burrinho?

Dormem com ele na cama?

— Rapaz — diz o bom do velho,

— Se de irmos a pé murmuram,

Ambos no burro montemos,

A ver se inda nos censuram.

Montam, mas ouvem de um lado:

— Apeiem-se, almas de breu,

Querem matar o burrinho?

Aposto que não é seu.

— Vamos ao chão — diz o velho,

— Já não sei qu'hei de fazer

O mundo está de tal sorte,

Que se não pode entender,

E mau se monto no burro,

Se o rapaz monta, mau é,

Se ambos montamos, é mau,

E é mau se vamos a pé:

De tudo me tem ralhado,
Agora que mais me resta?
Peguemos no burro as costas,
Façamos inda mais esta.
Pegam no burro; o bom velho
Pelas mãos o ergue do chão,
Pega-lhe o rapaz nas pernas,
E assim caminhando vão.
— Olhem dois loucos varridos! —,
Ouvem com grande sussurro,
— Fazendo mundo as avessas,
Tornados burros do burro!
O velho então para e exclama:
— Do qu'observo me confundo,
Por mais qu'a gente se mate
Nunca tapa a boca ao mundo.
Rapaz, vamos como dantes,
Sirvam-nos estas lições;
É mais tolo quem dá
Ao mundo satisfações.

O Ratinho e a Mãe

Certo ratinho inda novo,
Da toca onde nasceu
A vez primeira saiu.
E quando se recolheu
Contou a mãe quanto viu.
Disse: — Apenas saí fora
Para o casal mais vizinho,
Trotando me encaminhei,
Meti-me num burquinho.
E dali tudo espreitei:
— Vi, ó mãe, dois grandes bichos,
Diferentes na figura,
Defronte de mim andar,
Um respirava doçura,
O outro fez-me trepidar!
Este dum morro vermelho
Ornava a cabeça esguia,
Qu'as orelhas tinha em baixo;
Só com dois dentes comia,
Tendo por cauda um penacho.

Andava em dois pés e tinha
Em cada perna um ferrão;
Em si c'os braços bateu,
Desatou voz de trovão,
Que de horror me estremeceu!
Pelo contrário, o primeiro
Era da nossa figura,
Com modéstia passeava,
Tinha meiguice e doçura
Na mansa voz que soltava;
Era o seu rosto redondo,
Barba hirsuta, olhos luzentes,
Curta orelha e nariz chato,
Ralos e brancos os dentes,
Quase era o nosso retrato,
Tanto me encantou seu modo,
Que fora a seus braços ter,
Se a tal fera ímpia, e feroz,
Me não fizesse deter
Com susto da sua voz.
— Ai! Filho —, a mãe lhe tornou
Quanto a aparência te engana!
Essa figura adorável
É duma fera tirana,

Nossa inimiga implacável!
Se lhe caíesses nas unhas,
Em postas serias feito!
Finge doce mansidão,
Chama-se gato e no peito
Guarda um feroz coração!
É diferente o segundo
Que te deu susto mortal
Tendo um aspeto feroz,
Se nos ve, não nos faz mal
E é benigno para nós:
Galo se chama e nos pode
Servir de pasto alguns dias;
Olha como te enganavas!
Ao bom por susto fugias,
Ao mau: por gosto buscavas.

Uma doçura afetada
É fruto da hipocrisia.
Sirva ao mundo esta lição:
Quem de aparência se fia,
Gosta da sua ilusão.

O Veado e os Cães

Numa fonte que corria,
Certo dia,
Um estólido veado
Retratado
No cristal puro se via
Em segredo.
Celebrava a celsa frente,
Adornada lindamente
Dum ramífero arvoredado.
Mas se a frente celebrava,
Lamentava
A magreza assaz mesquinha
Que nas longas pernas tinha,
Que podiam parecer
Quatro fusos de torcer.
Eis que nisto,
Um sabujo mui previsto
Deu com ele;
O levíssimo veado,
Assustado,

Por querer salvar a pele,
Meteu pernas, tão ligeiro,
Qu'ó rafeiro
Já mui longe lhe ficava
E escapava,
Se entrar numa selva escura
Não quisesse o miserando
Qu'a cornífera armadura
Encalhando
Entre os ramos da espessura,
O prendia,
Lugar dando ao qu'ó seguia
Que chegasse
E no lombo lhe ferrasse.
Os seus chifres esgalhados,
Tão louvados,
Que lhe ornavam tanto a frente,
Lhe impeceram totalmente
O proveito
Que seus pés lhe tinham feito;
Mal olhados
Por esguios e delgados.
Neste aperto se desdisse
Sem conforto

O veado semimorto,
E maldisse
D'armação, que viu na testa,
A beleza sedutora,
Que lhe fora
Tão funesta!

Muitas vezes maldizemos
O qu' é útil
E o vistoso engrandecemos,
Bem que fútil,
Eis o exemplo demonstrado
No veado.

Os Dois Burros Carregados

Qual romano imperador,
Um pau por cetro levava,
E a dois frisões orelhudos
Um burriqueiro guiava;
Um deles trazia esponjas,
E qual postilhão corria;
O outro de sal carregado
Os pés apenas mexia;
Um sem custo, outro com ele,
Montes e vales andaram,
Até que ao vau d'um ribeiro
Ultimamente chegaram.
O que levava as esponjas
O burriqueiro montou,
E fez ir para diante
O que de sal carregou.
Ele o vau desconhecendo
Pregou consigo no pego,
Nadou, veio acima, e viu
Aliviado o carregado:

Porque o sal, de que era a carga,
Derreteu-se n'água entrando,
E o seu condutor já leve
Pos-se em terra, e foi trotando.
O camarada esponjeiro,
Que o viu tão leve sair,
Quis a sua imitação
Também no pego cair.
Ei-lo nas águas submerso,
Esponjas e burriqueiro,
Todos tres bebendo a larga.
Querem secar o ribeiro.
Tão pesados se fizeram,
Por beberem sem cessar,
Que, sucumbindo o jumento,
Não pode as margens ganhar.
O homem lutava co'a morte,
Té q'um pastor lhe acudiu,
Mas o burro das esponjas:
Foi ao fundo e não surdiu.

Guiar por cabeças más
Não é um bom portamento;
Às vezes a dita de um

Faz a desgraça de um cento.

Os Dois Machos

Encontraram-se dois machos
Em um caminho deserto,
E os moços tinham ficado
Bebendo vinho ali perto.
Um era do Estado e vinha
Carregado com dinheiro,
O outro farinha levava,
Tendo por dono um moleiro.
O que trazia a riqueza
Era mais forte e mais moço,
Tinha albarda, atafais novos
E campainha ao pescoço.
O que levava a farinha
Ia todo num frangalho,
Rota albarda, atafais podres,
Nem sequer tinha um chocalho.
O primeiro, blasonando
Da grandeza em que se via,
Ao segundo, velho e pobre,
Mofas e injúrias dizia.

Eis que de um bosque saltou
De ladrões um bando ingente,
E ao que levava a riqueza
Atacam subitamente.
Ele, fiado em ser forte,
Quer-lhes fugir, mas em vão,
Que tres facadas no peito
Pregam com ele no chão.
Por morto os ladrões o deixam
Roubando-lhe o ouro que tinha,
Ficando isento de estrago
O que levava a farinha,
O qual para trás voltando,
Vendo o amigo moribundo,
Clama: — Por pobre escapei,
Vejam bem o que é o mundo!
E na terra, as mais das vezes,
Dita o viver ignorado,
Tem risco maior na queda
O qu'está mais levantado.

Os Dois Touros e a Rã

Brigavam dois grandes touros
Duma formosa manada,
Sobre qual teria a posse
Duma novilha estrelada.
Uma rã, vendo o combate,
Num tom lhes disse modesto:
— Fidalgos, deixem questões,
Q'um fim sempre tem funesto.
Não consideram, senhores,
Que o termo destas pendencias
Vem sempre a ser o desterro
De um de Vossas Excelencias?
Porque, conforme o costume,
O que vencido ficar
Estas campinas viçosas
Há de por força deixar;
Que o vencedor logo o expulsa
Destes campos deleitosos,
E terá qu'ir pascer limos
Em terrenos pantanosos;

Ali fará que sejamos,
Quando com seus pés nos mate,
As vítimas inocentes
Deste indiscreto combate:
Porque nos paus metido
Com suas feras patadas
Dos charcos no fundo, é óbvio,
Que fiquemos esmagadas.
Tudo quanto a rã predisse
Se entrou a verificar;
Fugiu do campo o vencido
E foi paus habitar.
Ali o povo coaxante
Negros desastres sofreu,
Que esmagado a toda a hora
A maior parte morreu!
Assim nas mútuas desordens
Dos grandes, dos potentados,
Quase sempre os mais pequenos
Vem a ser os esmagados.

Os Médicos

Certo médico chamado,
D'alcunha o Tanto Melhor,
Foi visitar um doente,
Do qual o Tanto Pior
Era médico assistente.
O último sempre funesto,
Qu'o doente morreria,
Altamente sustentava,
E o Tanto Melhor dizia
Qu'o pobre enfermo escapava.
Houve sobre o curativo
Mui grande contestação;
Um aplicava calmantes,
O outro armava uma questão
A favor dos irritantes.
No fim de tanto debate,
O enfermo a vida perdeu,
E o Tanto Pior clamou:
— Veja, qual de nós venceu.
— Se o meu cálculo falhou? —,

Tornou-lhe o Tanto Melhor
(Mostrando um vivo pesar),
— Pois eu sempre afirmarei
Que morreu por não tomar
Os remédios qu'indiquei.

Enquanto a mim, se os tomasse,
Morrer havia igualmente;
Mas é desgraça maior
Cair um pobre doente
Nas mãos dum Tanto Pior.

Os Rafeiros e o Gozo

Morreu um nédio cabrito
E o guardador dono dele
Depois de tirar-lhe a pele
Aos cães no campo o deitou.
Logo dum monte chegado
Tomando os ventos, e o cheiro,
Veio um possante Rafeiro
Que da presa se apossou
Depois um gozo chegando
Quis também ser camarada;
Mas levou tanta dentada,
Que na empresa desmaiou.
Ganindo, e lambendo os beiços
Pos-se de parte sentado,
Até que desenganado
Outro partido buscou.
Foi-se ao casal mais vizinho,
E ao cão que guardava a porta
De que havia uma rez morta
N'aquele campo, avisou.

Sem que a nova agradecesse
O convidado rafeiro,
Atrás do gozo matreiro
De corrida caminhou.
Eis que a preza se aproxima
Ladrando e os ares mordendo;
Mas o que estava comendo
Adiante se atravessou.
Mostrando os mordazes dentes
Um ao outro, se avizinha,
E entre o que estava, e o que vinha
Pendencia atroz se travou.
Ei-los nas pernas se empinam,
Salto agora, agora tombo,
Dentes ferrados no lombo
Largou este, este filou.
Em tanto o ladino gozo
Esta aberta aproveitando,
Nos restos da rez saltando
Nem migalha esperdiçou.
Depois de bem lacerados
Os dois a preza voltaram;
Mas só o sítio lhe acharam,
Que nada o gozo deixou.

Ah! quantos d'estes exemplos
Não vemos na redondeza
Depois que a torpe avareza
Seu veneno propagou.
Enquanto se debelaram
Outro, e tu num pleito odioso,
Houve quem foi mais doloso,
Que sem nada ambos deixou.